

VICTORIANO PALHARES

PERNAMBUCANO

PEREGRINAS



POESIAS

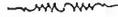
Jose Mariano

VICTORIANO PALHARES

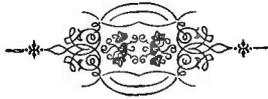
PERNAMBUCANO



PEREGRINAS



POESIAS



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1870

UMA PALAVRA

Este livro de versos constitue um tributo de gratidão : possam comprehendel-o aquelles a quem o dedico, e terei cumprido um dever sagrado, conquistando um louro que ha muito ambiciono.

Pernambuco — 1870.

V. P.

A MANUEL JOAQUIM DA ROCHA

EU

(A. M. J. DA ROCHA)

Quando pensei na vida ri-me d'ella.
Pesei o mundo, e achei-o uma chimera.
E eu disse ao pó : — Não és menos que a estrella.
Disse ao granito : Não és mais que a cêra.

Tudo acaba. Fatal mergulhamento !
— Ser p'ra não ser : — relampago tremendo !
E o Universo a esmagar o pensamento
Que diz : — Eu sou o verbo ! — E vae morrendo.

Penso. Minha razão percorre a escala
Da criação ; que esteril romaria !
Mundos, átomos, nada, nada falla ;
E á tal mudez minh'alma se entibia.

Oh, morte! De que mundo serás porta?
 Alem de ti o que ha, oh firmamento?
 Tamanha ideia, que a alma não supporta,
 Condul-a espavorida ao — esquecimento.

O que sou eu? Pergunta que me assombra!
 Empolgo-me, e, comigo mesmo em lucta,
 Eu vejo que me esvaio como sombra!
 E o que resta de mim? — Materia bruta.

Nada: aquillo a que nós chamamos — tudo.
 E onde paira Deus, o — ser — preciso?
 Cava-me o craneo tão medonho estudo;
 E eu sinto que me abysmo e pulveriso.

∴

Expira a chamma quando esváe-se a lampa,
 Bem como á mingua d'agua murcha o lótó.
 O homem todo aniquila-se na campa;
 A eternidade é d'Elle só — o Ignoto.

1870.



O ESCRAVO

(A. J. DE BRITTO)

— Como te chamas?

— Miseria.

— D'onde vens?

— Da Tyrannia.

— És negro!

— Nasci da noite.

— O que procuras?

— O dia.

— Não vês o sol?

— Estou cégo?

— Perdeste a luz?

— Lá, no pégo

Da mais cruenta maldade.

- Que almejas?
 — O céu.
 — Na terra?
- Si meu coração não erra:
 Chamo céu à liberdade.
- Choraste muito?
 — E ha quem ria?
- Deixas que o pranto te alague..
 — Não é pranto, não, é sangue.
 — Quem te feriu?
 — O azorrague.
- Quaes foram, negro, os teus erros?
 — Um: cedi o collo aos ferros?
 — Grita!
 — A minha dor não falla.
- O que te alenta?
 — A esperança.
- Não tens um guia?
 — A vingança.
- Tua familia!
 — A senzala!
- Não tens amores?
 — Tenho odio.
- Não sonhas?
 — Penso n'um crime.
- Ha muito que tu padeces?
 — Desde que a força me opprime;
 Ah! desde Nemrod!
 — És forte!
- É que não tem fouce a morte
 P'ra quem arrasta uma algema.
 — Resigna-te.
 — A dor não venço.

- D'onde ella vem?
— Do infinito.
- É claro o céu?
— Está puro.
- Dorme e sonha . . .
— Eu . . . me alcvanto!
- Chegou a agonia?
— O . . . espanto!
- Vem teu senhor?!
— É o futuro!

1869.



A PRECE

(A ALVARO AUGUSTO D'ALMEIDA)

Grito, palavra, lagryma ou suspiro,
Que d'alma jorras nas tremendas horas,
 Que destino é o teu?
Que virações ou nuvens te recebem?
Que furacões ou azas te conduzem
 Para o vacuo do céu?

Trémulo arranco das fraquezas d'alma,
Solução do pavor, ancia do medo,
 P'ra onde foges tu?
Sáes do ephemero e perdes-te no vago.
O Eden sonhado, que ávida demandas,
 Ante a razão é nu.

Mas como alentas — voz da natureza —
 Que do animal no âmago resôas,
 D'onde vinda não sei!
 O tigre, a rôla, o homem — nivelados
 Pela mão do terror, gritam: seus gritos
 Dizem junctos: — Orei!

..... ..

Ouçõ que essa palavra inunda o espaço;
 Ouçõ-a na voz dos ventos e das aguas,
 E no silencio até!
 Quem sondará o que ha de apocalypticõ
 N'essa palavra universal, eterna,
 Que não sei o que é! ..

..... ..

Morre o homem, e o bruto: á hora extrema
 D'ambos a vida aparta-se gemendo.
 Egualdade fatal!
 Tu és, oh prece, a voz mysteriosa
 Que protesta ante a força creadora,
 Contra o genio do mal.

1869.



AO PADRE JACINTHO

Eu te admiro, luz da humanidade!
Roma cáe sobre ti, e Deus te ampara.
Tua palavra o Universo aclara,
Inaudito Isaias da verdade.

Deus é pae, é amigo; não verdugo.
Sómente a tyrannia gera o inferno.
Christo é a paz, o amor tranquillo e terno,
Como é Caiphás o odio, o mal, o jugo.

Arcas sorrindo contra a prepotencia
Dos *sagrados* rivaes da Divindade;
E vencerás, pois luctas com humildade,
E o animo te vem da Providencia.

Quando o sol da razão no sec'lo assoma
Rasgando a noite horrivel da mentira,
Tua alma vôa ao céu, no céu se inspira;
Fallas, e á tua voz vacilla Roma.

Não a Roma dos Cesares escrava,
Bella e manchada, prostituta e nobre;
Nem a Roma deserta, muda, pobre;
Mumia insepulta sôbre um chão de lava.

Mas a Roma dos papas, a cidade
Dos abutres; a patria do egoismo;
A Roma onde se aninha o fanatismo,
— Polvo que quer sugar a humanidade.

No Quirinal rebenta a tempestade,
E cáe a maldicção — scentelha escura,
Mas que não chega á tua face pura,
Onde scintilla a aureola da verdade.

Desmoronam-se os idolos dos erros,
Pois viril se levanta a humanidade.
Já não há para a luz que o mundo invade
Nem fogueiras e anathemas, nem ferros.

1869.



A JOÃO DE CASTRO GUIMARÃES

LOUCO SUBLIME

(A J. VALLASQUES)

— Tu choras?

— Não. Eu rio.

— Ha lagryma em teu rosto.

— Ah! São prantos da noite a quem reli meus versos.

— Fizeste-a prantear?

— Se eu chamo-me desgosto!

— Teus cantos quero ouvir.

— O vento os traz dispersos.

— Estás pallido e triste.

— É que eu vago proscripto.

— Descalço e roto assim d'onde é que vens?

— Da terra.

— Onde fica o teu lar?

— Eu moro no infinito.

— O mundo não te agrada?

— O mundo não me encerra.

—Proclamam-te poeta!

—Apenas sou mendigo.

—O que dos homens tens?

—O que elles são — poeira.

—O que te prende á vida?

—A pedra d'um jazigo.

—O que te deve a sorte?

—Um mundo e uma caveira.

Um mundo d'ouro, o amor; e o craneo d'uma insana.

—De tua mãe?

—Oh, não, de uma mulher divina!

—D'algum anjo talvez?

—Morreu. Não: era humana.

Suppuz que era uma deusa, e era uma peregrina.

—Empunha tua lyra.

—A minha lyra é o espaço.

—Para quem cantas tu?

—Para o abysmo — o nada.

—A tua musa...

—É Clotho.

—O horror?

—Tem um regaço.

—Com quem convives tu?

—Co'as trevas e a alvorada.

—Tu não passas d'um louco.

—Eu sei: dam-me corôas.

—Sellaram-te na testa.

—Eu sinto: é uma estrella.

—Meu pobre sonhador, por que ao céu não voas?

—Não zombes, não, escuta e pasma: — Eu sou Varela..

OS FILHOS DO ESTADO

(A ANTONIO DE SOUSA PINTO)

Vi-os ambos, elle e ella,
Cahidos do mesmo galho,
Implumes, sem agasalho,
Aves sem ninho — a gemer ;
Parando de porta em porta ;
Pedindo de casa em casa
A sombra, ao menos, de uma aza,
Para dormir e morrer.

Bem poucos olhos os viam ;
Nenhuma bocca os beijava ;
— Folhas que o vento levava —
Íam cobertos de pó :
Tombando de pedra em pedra,
Pousando de canto em canto,
Matando a sêde com pranto,
E a fome com somno — só.

São hoje filhos do Estado,
 Morreu-lhes o pae na guerra.
 Ai d'elles! Não ha na terra
 Padrasto como esse, não ;
 Pois nada tem para dar-lhes
 Em nome da recompensa .
 De tanto *amor* que dispensa
 Já tem gasto o coração.

Ah! Não seja patriota
 Quem tiver mulher e filhos,
 Que a todos não vão os brilhos
 Da protecção nacional.
 Nada mais triste que o homem,
 Em troca de um sacrificio,
 Legar a seu filho — o vicio,
 A sua esposa — o hospital.

Ai, filho, quem pôde d'alma
 Cortar o nó que vos prende !
 Ai, filho, quem comprehende
 Amor de pae, cego amor ;
 Si não tem a vida presa
 Nos olhos de uma criança ;
 Si não aspira a esperança
 Pelos labios d'essa flor !

.....
 Não houve ramo ou ruina
 Que abrigasse as avesinhas,
 Exhaustas, orphans, sosinhas,
 A noite fria as colheu,
 Pousadas na mesma leiva.
 Foi o ultimo tormento :
 Uma rajada de vento
 Arremeçou-as ao céu.

1870.

UM SACRIFICIO

(A M. J. G. C.)

É grande a tua dor ; maior tua virtude.
Enorme é tua cruz, mas não te prostra exhausto.
Tu és, martyr assim, na flor da juventude,
Qual um cordeiro insonte em pedra de holocausto.

Bebeste, quasi a rir, do desespero a taça,
E placido disseste : — É a vida que começa!
Erguendo a fronte ao raio escuro da desgraça,
O raio se apagou dourando-te a cabeça.

Eu vi, eu só te vi, subindo solitario
O Golgotha fatal do extremo sacrificio.
Não tinhas Cyrineu na escada do Calvario ;
Ninguém te acompanhou nas horas do supplicio.

Ah! Eu a vi também! Da testa de donzella
 Nas rosas em botão, no véu, nas pedrarias,
 Havia um não sei quê de funeral capella,
 Um como aljofarar de lagrymas sombrias.

Lá, nos degrãos do altar fugiu-lhe a voz da bocca ;
 A mão se lhe gelou tocando o symb'lo sancto.
 Seus gestos são de espectro, o seu olhar de louca ;
 E as perolas que traz são do collar do pranto.

Seu rosto está de pedra ; o seio mal arqueja.
 Já não é dor aquillo, é morte : nem suspira!
 E o povo que a circumda, e alegre rumoreja,
 Lhe esmaga o coração co'as flores que lhe atira.

É consummado o acto. A musica rebenta,
 E a festa tripudia em vagas de harmonia.
 Mas, ah ! Ninguém se dóe da victima incruenta,
 Que ali se sacrifica a um sonho de alegria !

N'aquella pallidez, que palpitante queixa !
 Sua mudez mortal quanta blasphemia cala !
 Alguem lhe falla a rir, e ella inda mais fecha
 Seus olhos já sem luz, seus labios já sem falla.

Meu Deus, como deixaes que o genio da maldade
 Transforme altar sagrado em pelourinho infame ?
 Que á vossa face á dor se chame f'licidade ;
 E forge-se um grilhão do que era doce estame ? !

Como deixaes, Senhor, ao pé de vós, n'altura
 D'onde se vê tão perto o paraizo e o inferno ;
 Que o odio jure amor ; prometta o fel — doçura ;
 A colera ser mansa, e o desespero — terno ? !

Eu jamais vira o mal reinar tão festejado ;
Um cépo n'um altar ; — patib'lo tão benzido !
Um sacerdote — algoz ; um padre desalmado ;
Na estola de setim baraço tão temido !

Que noiva moribunda ! Insano, desgraçado,
Aquelle que a conduz n'um vortice homicida
Á alcova perfumada, onde ella vê — dourado,
O thalamo da morte, o tumulto da vida.

E tu?.. Erras na terra eivado de amarguras,
Hypocrita da dor, sorrindo quando morres.
Arrojas-te n'um mar de tredas aventuras,
E a morte é o diamante atraz do qual tu corres !

Ambos a agonisar n'um doloroso afogo !
Ambos sem coração, perdidos, sem appello !
Ella a existir — estatua, em pedestal de fogo ;
Tu a morreres — chamma, em um altar de gêlo.

1866.



O MEXICO

(A JUAREZ)

Mais uma força prostrada;
Mais um direito de pé!
A alma venceu a espada;
A lei de Deus assim é.
A oppressão faz escravos;
A independencia faz bravos.
Venceram? Deixae-os ir!
Calcando velhos fadarios,
Nos hombros rev'lucionarios
Levam a arca do porvir.

Ai de quem forja uma algema!
O ferro sempre é fatal.

O escravo na angustia extrema
 Faz da gollilha um punhal.
 D'uma amalgama de dores
 Às vezes brotam furores,
 Que ninguem pôde abafar.
 Ondas de injuria e tormento,
 De odio e resentimento,
 Deus mesmo as deixa rolar.

Rolar — vagalhão de guerra,
 Sobre o phantasma oppressor.
 Quem pôde entre o céu e a terra
 Distinguir servo e senhor?
 A dextra da Providencia
 O sêllo da independencia
 Burilou n'alma de Adão
 Quando lhe disse: — Eis o mundo.
 Deus é o primeiro; o segundo
 És tu, que tens a — razão —.

Vejo cyclopes convulsos
 Rubros de gloria e de afan,
 Mostrando nos roxos pulsos
 O sol da nova manhan.
 Das boccas lançam golfadas
 De hymnos, pragas, gargalhadas,
 — Palavras em combustão;
 Aos pés recalçando á toa
 Um throno, um sceptro, uma c'rôa,
 E o monstro da escravidão.

Quem as columnas arranca
 Ao templo da iniqua lei?
 Quem leva a bandeira branca,
 Que assusta as aguias do rei?

Juarez! — Gladio da sorte.
 Quem deu-te a missão da morte?
 Que extranha mão te empunhou?
 Ah, povo que te alforrias,
 Deus pesou-te as agonias,
 E teu martyrio acabou!

Na face de um povo heroico,
 Que marcha á impulsão do céu,
 Que labio gelado, estoico,
 Irá cuspir um labéu?!
 Quanto esmaga a prepotencia
 Quanto é chara a independencia
 Nós todos sabemosol-o já!
 Abençoando os tacapes,
 De cima dos Guararapes
 É que acenamos p'ra lá.

É livre o Mexico; a Europa
 Que o vá de novo amarrar.
 Corda que a lagryma ensopa
 Ila de por força quebrar.
 Tu vingas-te, ou não, oh França?
 Degola aquella pujança;
 Fuzila aquelle valor!
 Déste uma quéda medonha!
 Some o remorso e a vergonha
 Entre os pés de teu senhor.

Qu'importa o luto, a tristeza
 Que vela a um throno o fulgor?
 Qu'importa que a realeza
 Tenha um momento de dor?
 É muito que um rei succumba?
 Que um throno se faça tumba,

E seja um direito — a lei?
Que sobre troncos sagrados
De povos decapitados
Role a cabeça de um rei?!

É mais um povo que alcança
Sua Chanaan, seu fim;
Que importa ao mundo que a França
Imperial e ruim,
Sob um throno nodoado,
Esconda um rei fuzilado,
— Sua chaga e seu baldão?! —
A sorte da humanidade
Tem mais poder que a vontade
De qualquer Napoleão.

1868.



TRES MARIAS

(A JOSÉ JOAQUIM MOREIRA)

Mostraram-me uma casa onde não entra
Nada que tenha visos de agonia;
E eu procurei o talisman celeste,
Que um lar tão venturoso, protegia.

Eis que um dia surprendo-lhe á janella,
N'essa hora d'ouro em que desperta o dia,
Tres meninas sorrindo para a aurora,
Como a aurora do céu p'ra ellas ria.

Disseram-me depois o nome d'ellas;
Era o condão que a casa defendia!
Eram ellas tres graças? Não: tres anjos.
Todas tres tinham o nome de Maria.

1870.

GRANDE MORTE

(A JOSÉ FAUSTINO PORTO)

Ai, que hora! O mundo anegra-se;
A animalidade ruge;
No espaço chumbado estruge
Um pavoroso fragor.
Flammeja o cume do Golgotha,
Como tocha deslumbrante,
Do olhar agonisante
Do supremo Redemptor.

Vae consummar-se a tragedia
Do martyrio mais augusto;
Tolhido o homem de susto
Mergulha o rosto no chão;
Estatua tombada — pávido,
Não pensa, não vê, não falla,
Mas sente que a terra estala,
E lhe morde o coração.

A JOSÉ JOAQUIM MOREIRA

N'um instante longo, tetrico,
De sombras, trovões e raios,
O orbe cáe em desmaios;
— Foi o Christo que expirou!
A scena muda-se: e, subito,
O homem ergue-se, e, attento,
Vê, da terra ao firmamento,
Que tudo em luz se tornòu.

É que o mundo errava esqualido
Ao peso de seus delictos;
Eram-lhe os dias maldictos;
Mirrava na abjecção:
Foi mister que o homem candido
Recravado n'um madeiro,
Morrendo fosse o luzeiro
Que illuminasse a razão.

1869.



NEGRO ADEUS

Adeus! Já nada tenho que dizer-te.
Minhas horas finaes trémulas correm.
Dá-me o ultimo riso p'ra que eu possa
Morrer cantando, como as aves morrem.

Ai d'aquelle que fez do amor seu mundo!
Nem deuses, nem demonios o soccorrem.
Dá-me o ultimo olhar para que eu possa
Morrer sorrindo, como os anjos morrem.

Foste a serpente; e eu inda te adoro!
Que vertigens meu cerebro percorrem!
Mente a ultima vez para que eu possa
Morrer sonhando, como os doudos morrem.

1866.

A POLKA¹

(A UMA VIRGEM)

Esta polka é cicuta cheirosa
Que seduz, embriaga e faz mal;¹
É carinho de aragem maldosa,
Que desfolha as boninas do val'.

É ventura que géra desgraça;
Mariposa que as chammás venceu;
É mysterio que em mal se devassa;
É Lusbel resvalando do céu.

É vertigem de nauta que corre
Sobre a luz de illusorio pharol;
É desmaio de estrella que morre
Aos primeiros lampejos do sol.

É sereia de voz homicida;
Raio d'ouro em fataes negridões;
Estilhaço de adaga partida,
Que procura ferir corações.

¹ Ousada resposta a uma poesia assim intitulada do dr. Tobias B. de Menezes.

Rôla cega que busca uma estrella
Debatendo-se em basto rosal ;
Virgem douda, que a rir se desvela ;
Criancinha que abraça um punhal.

Foge, virgem, da polka que sôa.
A serpente silvou no jardim !
Cobre os seios ; segura a corôa !
Colhe a saia : é tão alvo o setim !

Olha : a polka contém mil perigos ;
Deixa-a em balde chamar-te ; não vás.
Esses trilos são teus inimigos.
Olha : a polka é um abysmo voraz.

É patib'lo juncado de flores ;
É verdugo de faces gentis ;
É coveira de castos amores ;
É o inferno das almas febris.

Esse braço que aperta a cintura ;
Essa mão que machuca outra mão ;
Essa frente que cede á tontura ;
Esse pé que escorrega no chão ;

Trazem contos de mau desenlace !
Ao depois de tão louco prazer,
Quantas vezes. o pranto na face !
Quantas vezes. o labio a gemer !

Sei que a polka é por muitos amada ;
Mas a polka é uma vil cortezan.
Não te entregues a beijos de fada.
Olha : a polka. é invenção de Satan.

A UMA CRIANÇA

(A PEDIDO DE UM IRMÃO D'ELLA)

Hoje é o dia de teus annos;
Escuta: não é alarde.
Busquei flores p'ra c'roar-te,
E a terra me disse: — É tarde.

Lembrei-me do firmamento;
Fitei-o porém com medo,
Disse ás estrellas: — C'roae-a.
E o céu respondeu-me: — É cedo.

A não banhar-te de aromas;
A não cingir-te de luzes;
O que dar-te n'este dia
Em que tanto me seduzes?

Ah! dar-te um beijo na testa,
Dizendo: — Sê virtuosa! —
Si um beijo não vale um astro,
Vale mais do que uma rosa.

A JOSÉ ANTONIO DA SILVA

A HESPAÑIA

(A E. CASTELLAR)

Eil-a toda resplendente
Do sol da resurreição!
Hontem — caverna de gente;
Hoje — templo da nação.
Era nobre, era senhora;
Prostituiu-se em má hora;
Mas o remorso a salvou.
Eil-a casta em sua gloria,
Como a adúltera da historia
Que o olhar de Christo lavou.

Já não se lhe vê nos hombros
Nem arminhos, nem burel;
Nem traz no rosto os assombros
Do dominio de Izabel.

Tyrannia e fanatismo
 Arremeçou n'um abysmo,
 E, calma, sorriu depois.
 Quebrando o sceptro e o cutelo,
 Varreu p'ra longe o flagello
 Da rainha e do algoz.

Na festa da liberdade,
 Pela voz de Castellar,
 Com o sangue da heroicidade,
 Brinda o futuro a cantar.
 Do peito ardente d'America
 Borbota a palavra homericã
 De orgulho e satisfação,
 Ouvindo a orchestra, o concerto
 De mais um povo liberto,
 Por trás da revolução.

Respeito á testa c'roada;
 Porém, nada de temor.
 Si o sceptro se faz espada;
 Si o rei se torna oppressor;
 Mal haja o animo fraco,
 Que não se lembra de Graccho,
 De Spartaco ou de Catão;
 E ao pé do throno — patib'lo —
 Não quebra, rindo, o thurib'lo
 Do culto da escravidão.

Si um povo parte uma algema,
 Rasgando absurdas leis,
 Não ha solio que não trema;
 Vacillam todôs os reis.
 Que estranha electricidade
 Ao grupo da magestade

Transmitte o choque fatal!
Só a liberdade canta,
Ella, que nunca se espanta,
Por sentir ser immortal.

No aureo dia da Hespanha
Pensou a Europa, e tremeu;
Pasmou de vel-a tamanha,
Que tinha por c'róa o céu.
E recusou-lhe o suffragio,
Temendo o certo contagio
Da liberdade, da luz.
Ai, cega do entendimento!
Não vês que um só pensamento
Os povos liga e conduz?

Nada vale a tentativa
De dar-lhe ao solio outros tons ¹;
Vêde o pé da rediviva
Como espesinha os *Bourbons!*
Trancou sua historia infame;
Deixa que o tempo a proclame;
Agora só tem trophéus;
E ao mundo, cantando, acena
Por sobre a serra Morena,
Por cima dos Pyrenéus.

1869.



¹ Permitta o céu que não seja uma illusão minha!

MYSTERIOSA

Si tens nos olhos o fulgor da aurora,
Mostras na face a pallidez da santa.
Não sei por quê, tu és Venus que chora,
Tua linda tristeza prende e espanta.

Por cima do diadema da belleza
Cinge-te a aureola opaca do martyrio.
Tens do crepusc'lo, acaso, a natureza?
Devêras ser um sol, e és um cyrio.

Sei que em tua alma se travou a lucta
Do amor com o dever, que a vida abala.
Deus te clama do céu: — Mulher, escuta!
E alguem te diz na terra: — Archanjo, falla!

•

Onde irás tão formosa e pensativa,
Fugindo a sina que feriu Suzana?!
O mundo inteiro chama-te — captiva;
Sómente o poeta diz que és soberana.

.....

Lá, onde a escrava derramou seus prantos;
Lá, onde Agar da culpa se redime;
Tu, com teus beijos, pagarás mil cantos;
Alguem, com prantos, lavará teu crime.

1866.



O INCOMPREHENSIVEL

(A JOSÉ A. DA SILVA)

Parto de mim e ascendo ao infinito;
Subo alem dos planetas conhecidos,
 Novos planetas vejo.
Subo ainda; atravesso a luz e o escuro:
Subo até onde o espirito sacia
 A sêde d'um desejo.

Porém, o que é de Deus? A origem prima,
Jupiter, Neith, Baal, Knef ou Indra;
 O que lh' importa o nome?
Esus, Odin, Bouddha, ou Mithra, ou Brahma;
Pachacamac, o Sol, ou o Alpha e o Ómega:
 Onde é que elle se some?

Sente-se a acção da creadora força;
De causa em causa o espirito levanta-se,
 Mas não lhe encontra a fonte,
Pois a ideia, por fim, paira no vacuo,
Na abafadora região do nada,
 Sem luz, sem horisonte.

Quem ousa assignalar-lhe natureza,
Attributos e esphera de existencia?
 Erro, crime ou loucura!
Tudo reflecte esse poder supremo,
Que chamaremos Deus; mas comprehendel-o
 Não pôde a creatura.

Symbolisal-o, é um sonho de idiota.
Como dar fôrmas ao que escapa á ideia?
 Explicar o indizível?
É seu modo de ser o Universo;
Mas sua natureza e seu destino.
 — Ser incomprehensível.

1869.



OS DOUS ESPECTROS

(A PLINIO DE LIMA)

É a hora augusta em que o silencio reina.
Repousa o vento sobre o mar tranquillo;
Da matta escura não escapa um trilo;
A terra é como sepulchral mansão.
Ao longe escuta-se um ranger de lages,
Um como horrivel rebentar de campa;
A lua surge, e á sua luz de lampa,
Lá, dous espectros conversando estão.

— O povo ?

— Dorme.

— A liberdade ?

— Geme.

— Nosso martyrio ?

— Ninguem mais recorda !

Que assombra e fere o matinal clarão.
Um se chamava — 17 —, e o outro
— 48 —. Que visão horrível!
Busco esquecê-la, mas não é possível.
Aquellas datas não se apagam, não !

1866.



A FRANCISCO GONÇALVES NETTO

CASIMIRO DE ABREU

Tão moço, pelos labios de creança
Da desdita sorveu todas as taças;
Ao morto coração disse: Descansa.
E foi bailar na orgia das desgraças.

Como o passaro errante em brenha escura
Desaninhado ás tontas cae voando,
A soluçar n'um hymno de doçura,
Elle, o poeta infeliz, chorou cantando.

Foi um martyr. Sorrindo viu murcharem
Os seus jardins de amor e de chimeras.
Quizeram ver seus olhos prantearem,
E em seus labios só viram —*primaveras*.

—*Si eu tenho de morrer na flor dos annos,*
Meu Deus! Não seja já—
Disse; porém, de balde: o céu é surdo.
Que supplica, e que horrivel prophécia!
Mal escutou —*na laranjeira, á tarde,*
A voz do sabid.

Breve encontrou a *campa entre as mangueiras*
Banhada do luar ;
 Onde *contente* repousou *tranquillo* .
A sombra do seu lar.

Ave sem ninho que suspira á tarde,
 Foi-lhe o mundo uma selva de espinheiros;
 Sob o cutelo d'um destino ferreo
 Viu morrerem seus sonhos feiticeiros.

Quero amor! Quero amor! Sêde tantalica!
 Elle murchou á mingua d'esse orvalho.
 Nem teve á farta o cantico dos passaros,
 Nem mesmo a sombra de crestado galho!

Sua alma, *mundo virge', ilha perdida*
Em lagos de cristaes,
 Aguarda em vão *Colombo dos amores;*
 Sol infernal n'esse *paiz das flores*
 Sedito derramou raios fataes.

Sua alma, *é como o pombo inda sem pennas,*
Sosinho a pipilar ;
 Mas *Pepita* não póde achar seu *ninho!*
 Sem as *azas bater*, o *passarinho*
 Expirou sem *voar.*

Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra,
 Que elle passou como ave desgarrada;
 Por elle apenas a *soidão suspira.*

Tinha medo de si, *d'ella, de tudo;*
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes:
 E jamais a encontrou *sobre o velludo*
 De *espaduas nuas soluçando um beijo! ..*

Roeu-lhe o peito o cancro d'um desejo ;
 O véu da noite lhe abafava as dores ;
 Quando á vida chamava — *hymnos e flores*
 Era por *ella*, que doirava o mundo.

Poeta não *manchou as vestes brancas*
 No mundo infame ; mas como Azevedo,
 Da morte no lençol,
Sem dó, na flor dos annos embrulhou-se,
 E como a juryty cahiu cantando
 Aos raios d'este sol.

Nem sei si o vento levou-lhe
 O seu *suspiro final,*
 Que foi *queixoso e sentido*
 Como da rôla o *gemido*
 Nas moitas do *laranjal.*

Branca virgem dos amores,
 E darás tu *compassiva*
 Uma *gota do teu pranto*
 Á *memoria morta ou viva*
 Do martyr dos teus amores?

Ha dores fundas, agonias lentas,
 Que a alma segreda á custa do morrer.
 Ai, lazaro do amor, nem teve ao menos
 O balsamo dos *beijos da mulher!*

Assentado nas pedras do caminho
 Apenas perguntava aos que passavam :
 Inda é longe o porvir?
 Viu que era tempo de deixar seu ninho,
 E n'um bando de rôlas que voavam
 Voou tambem, mas foi no céu cahir.
 1867.

DIALOGO VERTIGINOSO

—Tu vives só por mim?

—Meu Deus! Inda duvidas?

—Meu amor! Meu amor!

—Tu choras? Que te fiz?

—Ai! O meu coração... meu coração me diz
Que nossas illusões são illusões mentidas.

—Ah! Tu me fazes mal. Que nuvens denegridas
Sepultam-te no horror? Vivias tão feliz!

—Mas hoje...

—Soffres!

—Muito.

—O que?

—Sonhos febris...

—E eu, meu anjo, e eu?! Que noites mal dormidas!

— Não sou eu tua só?

— Tão só, quanto eu almejo,

E te quero p'ra mim!

— Minha alma como ri!

— Já te sentes melhor?

— E não me déste um beijo?

— Eu não!

— Me pareceu.

— Então...

— Ah! Fique ahi.

— Não queres o meu braço?

— Eu sei...

— Ah! Tanto pejo!

— Adeus.

— E o...

— Logo.

— Má!...

— Não vê mamãe ali?!

NO ERMO

O sol em pino illuminava tudo ;
Da varzea ao longe rescendia o aroma,
A relva convertia-se em velludo ;
O bosque transformava-se em redoma.

Nenhuma voz o ermo perturbava.
Ao meio dia o passaro afanado
Procura a sombra, o reptil a cava.
O céu era de seda, e de oiro o prado.

Lembras-te? Á morna sombra da jaqueira,
Como as aves, abrigo procurámos.
Nós nos fitámos pela vez primeira ;
Um bemtevi cantou, e nós corámos.

Depois a tua mão achou meu hombro
E n'elle descansou. Lembras-te ainda?
Paralysou minh'alma estranho assombro;
E eu mal pude dizer: Ah! Como és linda!

Lembras-te? Aquella phrase teve espinhós;
Feriu-te, e de meu hombro a mão tiraste.
Tu me disseste: — Procuremos ninhos.
E eu te perguntei: Já descansaste?

Havia bem calor, e eu tinha frio!
Sentaste-te, e eu vi... 'stavam vermelhos.
— Que arruido! Disseste; e eu disse: — É o rio.
E cahiu-me a cabeça em teus joelhos.

Depois... Ah! Foi um sonho, uma demencia.
Quando acordei a terra estava escura;
Mas eu sentia calma a consciencia,
E tu estavas, como d'antes — pura.

1866.



LOUCO!

O que não deras p'ra varrer da mente
Essa ideia terrível que te punge!
Ideia que tem cauda de serpente
Com que a tua alma o desespero júnge.

É pura ou não?!... Acorda seu passado,
Deves tu mesmo interrogal-o a gosto.
— Impossível! — Não falles; é escusado.
Basta: eu vejo o inferno no teu rosto.

Não podes vê-la, e queres escutal-a!
Dizes-te livre, e morres n'um degredo.
Foges d'ella, e não deixas de encontral-a.
Si ella te falla ou ri tremes de medo!

É isto o amor? Eu chamarei martyrio;
Martyrio atroz; supplicio de Encelado.
A existencia a esgotar-se n'um delirio! . .
O homem pensa: elle só é o desgraçado!

Quem agitou-a á sensação primeira
Da magica palavra dos amores?! . .
Que beija-flor pousou n'essa roseira?
Que abelha se aninhou n'aquellas flores?

Negra pergunta que não tem resposta;
Indagação a abysmo que se fecha;
Profunda escuridão que em vão se arrosta;
Mar que te açoita e só espumas deixa.

Preces, pragas e ais enchem-te a bocca;
A paixão te fulmina e te arrebatá.
Busca a luz; a penumbra te suffoca.
Busca a certeza; a duvida te mata.



A FRANCISCO D. DA SILVA ARAUJO

A CAPTIVA

(A GENERINO DOS SANTOS)

Si ha no mundo alguém p'ra quem Deus fez a noite,
Foi para o pobre escravo, a victima da uzura ;
É mais do que o descanso, é a interrupção do açoitte ;
É mais do que o repouso, é a trégua da tortura.

Si ha no mundo alguém que ambicione a morte,
É elle, o pobre escravo, a victima da força.
Sem patria e lar, sem Deus, banido até da sorte,
Qu'importa a seu senhor que o desespero o estorça !

No mato a noite é feia, e mais si é noite escura ;
Mal quebra a solidão a voz d'ave nocturna,
O huivo da coruja — um canto que amargura ;
E a terra escura e muda é como enorme furna.

No mato a noite é feia, e mais sem lua e vento ;
 Mais negros e sem voz o arvoredo e o monte
 Inundam de pavor o campo e o firmamento,
 — Traços de escuridão suspensos no horizonte.

Dorme no *engenho* tudo, os animaes e a gente ;
 Senhor e escravaria, o goso e as agonias.
 Suave é o deslizar na mata da torrente ;
 Nem se ouve o gottejar das orvalhadas frias.

Dorme no *engenho* tudo ; alem vê-se a senzala,
 Soturna como um antro em que não entra o dia,
 E onde véla alguém, alguém que chora e falla,
 Canta, soluça e ri em horrída harmonia.

Era uma negra captiva
 Que um tronco negro ninava.
 Ai, se a cascavel cantasse,
 Cantaria como a escrava !

— Filho, meu filho, tua mãe matou-te ;
 Porém do açoute libertado estás.
 Não lamberás de teu senhor o escarro¹,
 Nem presa ao carro tua mãe verás.

— Não mais, não mais escutarei teu pranto.
 Tu és um santo como os brancos têm.
 Como em teu corpo o *bacalhau* batia !
 Mas hoje em dia tu sorrís também.

¹ Conhecemos um agricultor, senhor de notavel escravaria, que obrigava, sob pena de chicote, os pequenos captivos a lamberem a saliva que elle cuspia ; era apaixonado por tal *divertimento*.

— Ai! Ai! Ai! Ai! Eu degolei meu filho!
 Ah, ah, ah, ah, eu morrerei tambem.
 Dá! Dá, senhor! Deixa correr meu sangue
 Vamos meu filho, pois, a *rede* ahi vem.

Lá está o *tronco* onde passaste o dia;
 Tua agonia terminei; fui eu!
 Sei que na surra encontrarei a morte,
 E eu quero a sorte de quem vóa ao céu.

— O padre disse que o morrer é graça,
 Quando a desgraça nos amarra á cruz.
 Vae, não ha *peia*, *capacete* e *anjinho*¹,
 N'aquelle ninho onde avoeja a luz.

— Ah, ah, ah, ah, eu degolei meu filho.
 Ai! Ai! Ai! Ai! Eu morrerei tambem.
 Dá! Dá, senhor! É liberdade a morte.
 Vamos, meu filho, pois a *rede* ahi vem.

Do dia ao despertar chorando a escravatura
 Em grita angustiada o caso relatava:
 A negra, a escrava, a — mãe, tranzida de loucura,
 Seu filho degolára, e rindo o acalentava.



¹ Não muito antigos instrumentos de tortura com que se *castigavam* os escravos n'este paiz da liberdade, o Brazil!

A DEUS

Passam os dias e os annos ;
Meu Deus, já não sou creança !
Quando verei realisada
Aquella antiga esperanza ?

Antes que a duvida acerba
Minha razão atácasse,
Não houve riquezas d'alma
Que eu a teus pés não lançasse.

Não poderão, porventura,
As joias da meninice
Ganhar a tua piedade
Na mocidade e velhice ?

Creaste o mundo ; acredito.
És pae do homem ; eu creio.
Porém teu filho inditoso
Busca debalde teu seio !

Vejo a maldade gosando ;
Vejo o vicio afortunado ;
Sinto que sou innocente,
E quasi almejo o peccado.

A flor que desejo murcha ;
A estrella que amo se apaga ;
E tantas ancias perdidas
Nenhuma ventura paga.

A cada sol que desponta
Eu digo tranquillo : — É hoje !
Corre o dia, chega a noite ;
E o sol co'a esperanza foge.

Será, meu Deus, esta vida
Um drama mysterioso,
Drama de prologo horrivel
E de epilogo formoso ?!

Nada sei, nada conheço,
Nada comprehendo, nada ;
Sinto apenas que minh'alma
Vae sendo aos poucos gelada.

Como o sol e como os ventos
Desfolham arvore immensa,
As dores e o desengano
Levam-me as flores da crença.

Passam os dias e os annos ;
Meu Deus, já não sou creança !
Quando verei realisada
Aquella antiga esperanza !

ESTATUA VIVA

Eu passeiava á toa ; a lua placida,
Que eu desejava, appareceu no céu.
Vi ao longe alvejar o cemiterio ;
Nem sei por quê meu coração gemeu.

E eu disse para mim : — A hora é propria ;
Visitemos a região da paz.
E, penetrei no cemiterio, calmo,
Tão sereno que nem olhei p'r'atraz.

Lendo epitaphios e apanhando goivos
Percorria a cidade tumular,
Quando sobre uma campa rasa, humilde,
Descobri uma imagem singular.

Approximei-me. — Que formosa estatua
Em campa tão singela ! — Disse eu :
Era a figura de mulher angelica
Na attitude de orar fitando o céu.

Que brancura de pedra, e sobre tudo,
Que expressão de tristeza em seu olhar!
Na lousa, também branca, havia letras
Tão negras que supuz vê-las brilhar.

Curvei-me para ler; dizia a pedra:
— N'esta cova encarcera o Creador
— Alma rebelde, que do céu fugia
— Por que tinha na terra o céu do amor.

Quem gravaria ali tal epitaphio?
Que palavras! Fizeram-me chorar!
E, involuntariamente, a minha fronte
No anjo sepulchral deixei pousar.

Agitou-se, pulou, soltou um grito
Que o funebre silencio despertou!
E sempre com o olhar na immensidade,
Sobre a campa de novo ajoelhou!

Mal contive o assombro; horripilado
Voei nas azas negras do pavor.
Eu pensára, meu Deus, que era uma estatua,
E era uma mulher louca de dor!



TENTADORA!

Quando beijo teus cabellos
Tens sempre um sorriso, não?
Serei o unico escravo
Que acaricia o grillão?!

Quando peço que me fites,
Tens sempre um sorriso, não?
Serei o unico mocho
Que foge da escuridão?!

Quando peço que me falles
Tens sempre um sorriso, não?
Serei o unico espectro
Que detesta a solidão?!

Quando peço que tu cantes
Tens sempre um sorriso, não?
Serei a unica estatua
Dotada de coração?!

Quando te peço um carinho
Tens sempre um sorriso, não?
Serei o unico tigre
Susceptivel de paixão?!

Eu não sei d'onde vieste;
Nem quero saber quem és.
Homem ou fera, que importa?
Domestiquei-me a teus pés.



A JOSÉ JOAQUIM DE FARIAS MACHADO

O INVALIDO

(A ANTONIO ALVES DA SILVA)

Si bebeis, dae-lhe uma gotta;
Si comeis, dae-lhe um bocado;
É mendigo; — foi soldado.
Dae-lhe uma esmola: é um heroe.
Soube ser grande na terra;
Mas hoje . . é verdade, a guerra
Morreu, a ninguem aterra;
Ninguem, pois, d'elle se dóe.

Vêde aquellas cicatrizes
Roxas, quasi denegridas;
Reparae n'essas feridas
Por onde a vida se esvae.
É um gigante alquebrado,
Mais — um leão mutilado,
Mais — um heroe desgraçado,
Que esmola's pedindo vae.

Comeu-lhe a perna uma bala ;
Roubou-lhe o braço um foguete.
Honrou a espada, e um cacete
É hoje o que o pobre tem.
Dá-lhe o estado uma tença,
Que não chega p'ra manença;
Dá-lhe, tu, a recompensa,
Dá-lhe, povo, o teu vintem.

Foi para a guerra mancebo,
Formoso, forte, atrevido;
Voltou fraco, encanecido.
E foram cinco annos só!
Parece um resuscitado,
Tal é seu rosto cavado,
Tal é seu olhar vidrado,
Tão coberto anda de pó!

Viu *Riachuelo e Mercedes*,
Foi ferido em *Valentinas*;
Varando aquellas campinas,
Nas *Cordilheiras* parou.
Á custa de um sacrificio,
Vingou da patria o supplicio ;
Mas quando pediu o hospicio,
Só da rua o leito achou.

Traz na farda esfarrapada
Fitas, habitos, medalhas ;
Mas do throno essas migalhas
Não matam a fome, não.
Que ridiculo pungente !
Condecora-se o indigente
Para tornar mais patente
O crime da ingratição !

Ide ouvir como elle conta
Aquelle medonho drama;
Ide saber como a fama
É muita vez cortezan,
Injusta, falsa, mentindo,
A gloria prostituindo,
Luz e trevas confundindo
Na historia de *Aquidaban*.

Ide saber das miserias
Geradas pela injustiça;
Aprendei como a cubiça
Mata o merito real.
Quantos bravos desprezados!
Quantos covardes honrados!
Ah! quantos nomes trocados
Ante o throno imperial!

Si bebeis, dae-lhe uma gotta;
Si comeis, dae-lhe um bocado;
É mendigo; — foi soldado.
Dae-lhe uma esmola: é um heroe.
Soube ser grande na terra!
Mas hoje. é verdade, a guerra
Morreu, a ninguem aterra.
Ninguem, pois, d'elle se dóe?!



RESIGNAÇÃO

Quando eu sinto que já me falta o animo
N'essa refrega que se chama — vida,
Lembra-me o nada ao qual tudo vae ter;
Essa lembrança alenta-me na lida,
E eu balbucio outra vez magnanimo:
— A final, eu um dia hei de morrer.

Sei quanto levam d'alma os desenganos;
Eu tenho lanhos d'essas garras trêdas,
Que obrigam-me a cabeça a já pender.
Mas eu, que já não sonho auroras lêdas,
Digo a meus males: — Fartem-se, tyrannos!
A final, eu um dia hei de morrer.

Como todos, eu fui também criança;
Sonhei muito co'a gloria e co'a ventura,
E murmurava: Ah, quão feliz vou ser!
A tempestade é o verso da bonança;
Agora apenas digo á desventura:
—A final, eu um dia hei de morrer.

É tudo acaso — gloria e f'licidade:
Nasce-se abutre ou rôla, Tasso ou Nero.
Custa bem pouco o mundo comprehender!
Quem produziu a esphera creou zero.
Nada me inspira odio ou piedade,
Pois tudo morre, e eu hei de morrer.



O INCENDIO

DO THEATRO SANTA IZABEL

Dorme á sesta a cidade : de repente
Sôa das torres a plangente orchestra ;
O povo se alvoroça e corre a gente,
São irmans a catastrophe e a festa.

De ambas á voz o povo comparece
Com o mesmo açodamento e o mesmo afan ;
Assim o homem pensa e se enternece
Da noite á borda, e á margem da manhan.,

Era o theatro, o sanctuario da arte,
Que o monstro abrazador illaqueava ;
Voava um ai de dor de toda a parte
Pelo illustre edificio que finava.

E eu fui, e eu vi-o, e nem faltar podia.
 Suas pedras p'ra mim são corações;
 Foi o berço de minha phantasia,
 Depois, o altar de minhas illusões.

De minha alma acolá rasgou-se o arcano.
 — Criança — n'um momento de abandono,
 Eu ali conversei com o povo — o oceano ¹;
 Elle bramiu, e eu vi-me sobre um throno!

Jámais o vira com tamanho brilho;
 Mas era horrivel o seu brilho então!
 Eu sagrei-lhe uma lagryma de filho:
 A pedra e a cal têm jus á gratidão.

Pelas portas o incendio espadanava
 Em golfadas de brazas e de fumo,
 E a ossada da fabrica estalava,
 E em pó de fogo se abatia a prumo.

O firmamento azul tragára o vento;
 Não teve cumplice o incendio, não;
 Só elle appareceu negro e sangrento
Vindo do acaso — horrivel região!

Como assusta o rugido pavoroso
 D'aquelle mar de fogo em tempestade!
 Seu baforar de fumo lutuoso,
 Seu aspecto de atroz fatalidade.

¹ Bem criança ali recitei os meus primeiros versos; mais tarde ali vi em scena, com successo superior ás minhas tremulas esperanças, *Um drama do seculo e Julieta e Romeu*, minhas primeiras composições dramaticas.

Coroado de flammæ e fumaça,
Lançava ao ar a purp'ra do clarão :
Ante o fero clamor da populaça.
Vi . . . Antonio José e a Inquisição !

O fogo em lava ardente — a labareda,
Roidas as entranhas do colosso,
Surge, some-se, ataca, foge e enreda
N'uma selva de chammas o arcaboço.

Era um templo, e agora é uma ruina ;
Era uma escola, e vae ser um monturo.
Não sei que maldição, que negra sina
Tanto anegra, meu ninho, o teu futuro!



A JOAQUIM BORGES CARNEIRO

O IMPERADOR E A CÔRTE

I

Sobre o espirito do povo
Paira a nuvem da incerteza ;
Quer-se luz ! A realeza
Perde a ferrea impavidez.
O sangue foge das veias ;
Fogem da frente as ideias ;
Centauro, por que fraqueias ?
Perithoo, por que descrês ?

E o povo e o rei se consultam
Ambos mudos de receio ;
Ninguem sabe d'onde veio
Esse panico terror.

Vê-se o ferro mais buído,
 Sôa mais alto o ruído
 Da granada e do gemido,
 E cresce e augmenta o pavor!

O Paraguay destroçado
 Cae de derrota em derrota;
 O sangue e o pranto do ilota
 Já cobriram nossos pés.
 Já pouco falta á vingança;
 Já cansa o braço a matança;
 O sangue já cega a lança;
 E por que essa timidez?!

— Queremos paz. — Paz! Que louco
 Tal palavra dizer ousa?
 Paz com *Lopes*? Sob a lousa,
 Á face do sec'lo não!
 Entre a violencia e o direito
 A lucta é de peito a peito;
 Seja o triumpho perfeito,
 Só a morte dê perdão.

II

— Ou se triumpho ou abdicó! —
 Reclamou D. Pedro um dia,
 Quando ao pé d'elle tremia
 Um bando de cortezãos
 Covardes, degenerados,
 Cheios de lama e brocados,
 Brilhantes, porém, manchados
 Do sangue de seus irmãos.

Foi grande o rei n'esse dia,
Por que o rei foi brasileiro ;
Tão grande, que o povo inteiro
Saudou-o com phrēnesis.
Vendo a c'rôa ennodoada.
Repelle-a co'a mão gelada,
E pede ao povo uma espada,
E á guerra uma cicatriz.

Mas surgem do paço as larvas
Medrosas d'um abandono,
E atrellam o rei ao throno,
Como um captivo á polé :
Sentindo-se o rei chumbado
A esse tronco dourado
Blasphema! E o coroado
Inveja a sorte á relé!

Levantam-se os patriotas!
E de seus peitos audazes
Jorram centelhas e phrases
De justo orgulho e valor ;
Cada qual com mais loucura
Sonha a suprema ventura
De ver morta a dictadura
Ás plantas do Imperador.

É livre o rei por um dia.
Zombaria deshumana!
Deixam-no ir á Uruguayana
De longe a gloria expiar.
Seu caminho ahi se tranca ;
E quando d'ahi arranca
Traz a cabeça mais branca, \\
E o sol da morte no olhar.

III

Por que não ha de o monarcha,
Si é homem, si tem coragem,
Emprehender a viagem
Que ao Capitolio conduz ?
— Primeiro homem do Estado, —
Seja o primeiro soldado,
Si o povo é crucificado,
Morra o rei na mesma cruz.

Pois dá-lhe o povo em tributos
— Sangue e suor — existencia —
As delicias da opulencia,
Supremo luxo — o docel ;
Pois dá-lhe o povo serviços,
Que a ninguem mais offerece ;
É cão que cêgo obedece,
É até, às vezes, corsel !

Por que não ha de o monarcha
Por cima da c'róa d'ouro
Poder atacar um louro,
A aureola do vencedor ?
E aos olhos da natureza
Mostrar-se como grandeza ;
Não pela sua nobreza,
Porém, sim, por seu valor ?!

Ah ! Si o rei pedisse esmola,
D. Pedro nos pediria
Essa palma que irradia
Do patriota nas mãos !

Dar-lh'a-ia o povo ingente,
Mas p'ra vêl-a incandescente
Sulcar a face dormente
Desses torpes cortezãos.

Que tenham todos direito
De conquistar o seu louro,
Menos aquelle que d'ouro
Tem c'rôa, e corôas dá;
É horrivel! O rei sem calma,
Por que o rei tambem tem alma,
Dera o sceptro pela palma
Colhida em *Cerro-Cordá*.

IV

Senhor : vossa persistencia
Foi uma espada de fogo ;
De balde a apagaram logo,
Vira-lhe o brilho a nação.
Para que geram aggravos
Entre senhores e escravos,
Quando os povos são tão bravos
E os thronos tombando vão?!

O povo não se ajoelha.
O povo não tem thuribulo ;
Cantando sobe ao patibulo,
Mas não adula o senhor.
Si o rei a justiça entende,
E em prol do povo contende,
O povo os braços lhe estende,
Que é dever e não favor.

Sim, o povo reconhece
O vosso patriotismo;
Sonhastes com o heroismo,
Louco sonho que este foi!
Vossa orbita é prescripta
Á côrte só. Lei maldita!
Tem tudo o rei, não a dita
De succumbir como heroe!

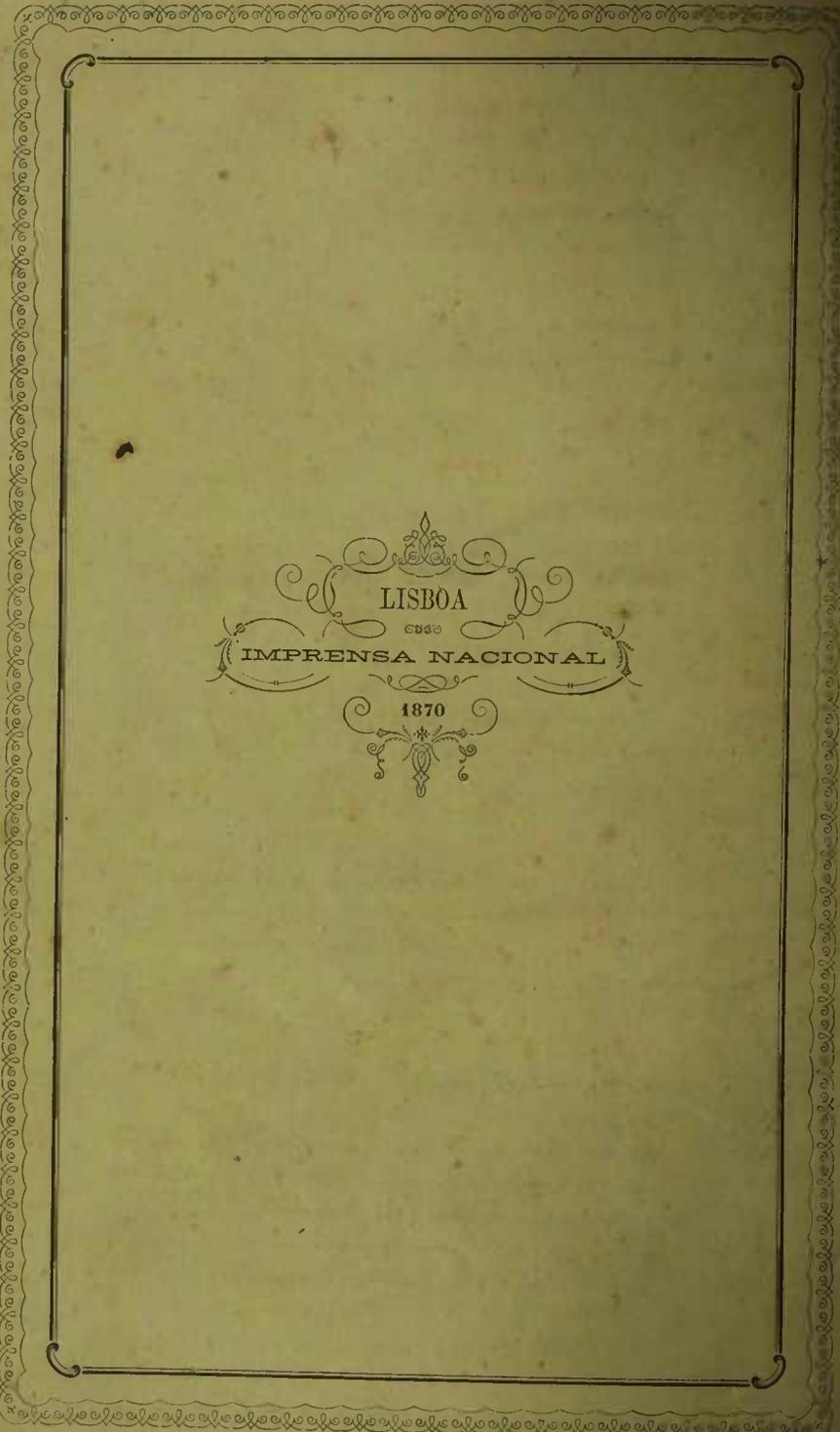
Eu, moço, filho do sec'lo,
Vosso irmão, pernambucanos,
Si, a homens americanos,
Não soube fallar, —dizei.
P'ra D. Pedro —o brasileiro—
É que, livre e sobranceiro,
Vos peço um brado altaneiro,
Pois nada temos com o rei.

Sim, que apenas do monarcha
—Justiça— o povo pretende;
As graças que a côrte vende
Não as compra o povo, não;
Nada pede, nada allega.
Quer o olhar d'aquella céga,
Mas em troca alegre entrega
Tudo —o braço e o coração.



INDEX

	Pag.
Uma palavra	3
Eu	6
O escravo.....	8
A prece	12
Ao padre Jacintho	14
Louco sublime.....	18
Os filhos do estado	20
Um sacrificio	22
O Mexico	25
Tres Marias	30
Grande morte.....	31
Negro adeus.....	33
A polka	34
A uma criança.....	36
A Hespanha	38
Mysteriosa	41
Incomprehensivel	43
Os dous espectros	45
Casimiro d'Abreu.....	50
Dialogo vertiginoso	53
No ermo.....	55
Louco!.....	57
A captiva.....	60
A Deus.....	63
Estatua viva	65
Tentadora	67
O invalido	70
Resignação.....	73
O incendio do theatro de Santa Izabel	75
O imperador e a côrte.....	80



LISBOA
1870
IMPRESA NACIONAL
1870

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).